

— A velocidade dessa entrega é de outro mundo! Ye Wei estava completamente perdido. — Vocês não viram? Ele tirou o capacete e olhou para os colegas de quarto que também haviam experimentado o dispositivo. Mas um deles só encarou Ye Wei com cara de quem não entendia nada. — Ver o quê? Ye Wei respondeu rápido: — A contagem regressiva! Tinha escrito "Aguardando ativação do jogo"! — O quê? Isso aí é um videogame? — Sai daí, o Liu não enxerga direito. Deixa eu ver. Outro colega pegou o capacete e colocou, mas após alguns segundos, tirou com a mesma expressão confusa. — Não tem nada não. — Me dá aqui. Os três colegas testaram um por um, e nenhum viu o que Ye Wei descreveu. Eles trocaram um olhar e viraram-se para ele com expressões estranhas. — Meu parceiro... Ye Wei revirou os olhos. — Qué isso? — Bom... você não quer dar uma passada no médico? — Vão se lascar! Ye Wei resmungou, arrancou o capacete das mãos deles e colocou de novo, teimoso. E lá estavam as letrinhas azuis de novo. [Ativação do jogo em: 71 horas e 17 minutos] A contagem havia avançado dois minutos. Mas não era só isso... Ele percebeu que, não importava como girasse o capacete, o texto permanecia fixo no centro da sua visão. Mesmo quando fechava os olhos. Ye Wei arrancou o capacete, pálido. — Que diabos... Isso aqui tá assombrado! ---

****Capítulo 4: Chu Guang e o Pirulito**** ****Duzentos anos atrás.**** Para ser exato, no ano de 2125, o mundo próspero que conheciam acabou mergulhado em guerra. Os dois lados lutaram com tudo o que tinham, determinados a aniquilar um ao outro. A guerra durou só três anos. Mas três anos foram suficientes para arrasar a superfície da Terra. O longo inverno nuclear quase apagou a chama da civilização. Ambos os lados conseguiram mandar o adversário pro inferno... e acabaram enterrando a si mesmos também. Assim começou a ****Era do Território Baldio****, mais desolada do que qualquer depressão econômica. Mesmo com dois séculos já passados desde aquela guerra, e o inverno nuclear tendo acabado há mais de cem anos, a humanidade não reassumiu seu posto no topo da cadeia alimentar. As armas nucleares, biológicas e genéticas descontroladas fizeram a natureza evoluir de formas extremas. E criaturas mutantes, chamadas de ****"Espécies Alteradas"**, são agora a maior ameaça para os sobreviventes que lutam nas ruínas. Por exemplo, aquele cachorro com duas cabeças que Chu Guang encontrou quando chegou nesse mundo era só uma delas. Mas até os mutantes têm seus rankings. Cães mutantes como aquele, deformados por radiação gama, geralmente não são muito perigosos — salvo raras exceções, são até mais fracos que os animais originais. Já os ****Devoradores**** e ****Rastejantes****, criados por armas biológicas e tão mutados que nem dá pra saber sua origem, são monstros feitos para matar. Seus sistemas nervosos foram corrompidos por fungos mutantes, então de dia eles se escondem em ruínas, esgotos ou metrô abandonados. Só saem para caçar à noite. Nos subúrbios, a situação é um pouco melhor. Principalmente nas áreas mais afastadas. Nos últimos cinco meses, o mutante mais perigoso que Chu Guang encontrou foi um urso-pardo alterado. O bicho era forte, mas lento. Chu Guang conseguiu fugir antes que ele percebesse. A luz do amanhecer atravessava paredes de concreto quebradas, projetando sombras de vigas e ferros retorcidos sobre carcaças de carros e pedregulhos espalhados pela rua. Eram 8 da manhã. O fuso horário ali tinha cerca de doze horas de diferença para o horário de Pequim. Ao avistar dois cachorros mutantes perambulando pela rua, Chu Guang apertou o cano pontiagudo que carregava e contornou silenciosamente os escombros. Ele até conseguia matá-los, mas pra quê arrumar confusão? Além do mais, esses bichos eram espertos — até sabiam usar outros como isca. Quem podia dizer quantos mais estavam escondidos nas sombras? Seguindo por um caminho secundário, Chu Guang atravessou o bairro em ruínas. Quando viu a placa de ****"Parque Infantil de Beite"**, finalmente relaxou. Ali ficava um dos maiores assentamentos da região. Mais de cem famílias viviam no local. Antes da guerra, tinha sido um parque de diversões, cheio de brinquedos e um grande gramado. Depois do conflito, virou um abrigo para civis fugindo do centro da cidade. Ninguém sabia o que aconteceu com aqueles refugiados, mas duzentos anos depois, o lugar era uma ****vila****. Barracos feitos de placas de plástico, lonas, madeira e ferros retorcidos se espalhavam pelo chão árido. Parecia saído direto da ****Era dos Marginalizados****. O muro do parque servia de defesa natural, reforçado com arames farpados e tábuas com pregos. No centro do parque, erguia-se um castelo de cinco andares, com um ar bem de conto de fadas. Só que a tinta já havia descascado toda, e a parede voltada para o centro da cidade estava quase toda****

destruída, restando só a lateral norte e uma torre prestes a desabar. Se era um conto de fadas, com certeza seria dos ****sombrios****. Mesmo nesse estado, o castelo ainda era a construção mais imponente da região. E também era a ****casa do prefeito****. Chu Guang vivia ali há cinco meses, mas nunca tinha visto o tal prefeito. O homem era misterioso, raramente aparecia em público. — Opa, voltou cedo hoje. O velho Wotter, segurando um rifle de caça enferrujado, soltou uma bafurada do cachimbo enquanto encarava Chu Guang. A fumaça saía turva das suas narinas. Aquela arma podia parecer velha, mas ninguém duvidava do seu poder. Chu Guang já tinha visto o velho derrubar um urso mutante com apenas dois tiros quando o bicho tentou invadir os portões da vila. Desde então, ele sempre sonhou em ter uma também. — Passei a noite fora. — Fora? O velho Láo Wòtè deu uma olhada no cano pontiagudo que Chǔ Guāng carregava nas costas, levantando as sobrancelhas com surpresa. Ninguém sabia melhor do que ele o quanto a noite podia ser perigosa. Toda vez que fazia o turno da madrugada, seu dedo não saía do gatilho, e qualquer barulhinho mais suspeito já era suficiente para deixar seus nervos à flor da pele. No subúrbio, as criaturas mutantes eram menos ameaçadoras do que na cidade, mas havia vários saqueadores de olho na região. Cair nas mãos deles não era muito melhor do que virar comida de mutante. Láo Wòtè achava difícil acreditar que o sujeito, armado apenas com um cano de metal, tivesse conseguido passar uma noite inteira nas terras arrasadas em segurança. — Tive um contratempo. Chǔ Guāng não explicou mais nada, apenas deixou um olhar cansado que dizia "não pergunte" e seguiu direto para o portão do assentamento. Em Bèitè Jiē, havia apenas um ferro-velho, fácil de achar — ficava bem ao lado da entrada principal. Sob o portão de enrolar, havia uma balança eletrônica antiquada que nunca marcava a hora certa e um letreiro que dizia: "Preços justos, sem enganação". A loja era propriedade do prefeito e o único lugar em Bèitè Jiē que comprava peças velhas e peles de toupeiras mutantes. Para monopolizar o mercado de sucata, o ditador havia imposto uma lei arbitrária: Ninguém podia vender presas ou lixo coletado para as caravanas de mercadores que passavam pela região. A justificativa era "garantir que os produtos de Bèitè Jiē fossem vendidos a preços justos, sem serem explorados pelos mercadores espertalhões". Uma regra absurda dessas só pegou porque a maioria dos sobreviventes dali eram ignorantes. E, em geral, as caravanas também não arriscavam desagradar o ditador só para comprar aquele punhado de recursos insignificantes dos catadores. Elas só faziam negócios grandes. E só com gente de confiança. — Vender ou comprar? O dono da loja era um homem de cinquenta anos chamado Chárǐ. Dizem que ele tinha vindo de um abrigo em outra província, fora raptado e feito escravo, até que o prefeito o comprou de um senhor de escravos e o encarregou de lidar com os catadores. A maioria dos moradores eram "filhos da terra arrasada", nascidos e criados ali, sem educação nenhuma e péssimos em matemática — tão ruins que erravam até contas de somar abaixo de cem. Mas Chárǐ era diferente. Ele tinha vindo de um abrigo. Embora nenhum abrigo naquelas terras fosse igual ao outro, todos tinham uma coisa em comum: Só gente importante da sociedade pré-guerra entrava ali. Seus filhos não apenas herdavam a inteligência dos pais, mas também recebiam educação de qualidade desde cedo. Se o mundo não tivesse virado essa bagunça, ele provavelmente teria seguido os passos dos pais, virando engenheiro, médico ou estudioso. Em vez disso, estava ali, fazendo contas. — Vender. Sem rodeios, Chǔ Guāng tirou seis baterias usadas e cinco tubos de cola da mochila e jogou tudo no pranto da balança. Era o que ele tinha encontrado nos escombros antes de descobrir o Abrigo 404. Chárǐ pegou as baterias velhas, checou rapidamente o modelo e se estavam estufadas ou danificadas, e as jogou na balança sem cerimônia.